

O tema das migrações atrai os mais diversos olhares, as mais diferentes análises, ações e reações. Há ângulos dessa realidade que pautam, cotidianamente, governos, imprensa, ONGs, estudiosos; outros, para virem à tona, aguardam o olhar paciente do investigador. *Travessia* brinda o leitor com ambos.

Na perspectiva do segundo, enquadram-se quatro textos. No de abertura, Maurizio Russo, apesar de defini-lo como “breve introdução”, faz-nos percorrer um longo percurso – o da produção cinematográfica hollywoodiana clássica – e, à guisa de um cicerone, passo a passo, vai descortinando um roteiro que a baliza: a visão estereotipada acerca dos migrantes italianos e latinos. No de encerramento, em forma de relato de uma visita realizada à Casa de Acolhida para Refugiados no Rio de Janeiro (que, infelizmente, não tardou em cerrar suas portas), Regina Petrus, sem se desfazer do olhar aguçado de pesquisadora, sempre a exigir objetividade/racionalidade, dá asas a seu veio militante e, soltando a pena, com aguda perspicácia, socializa o que razão e emoção colheram.

Dois outros artigos se debruçam sobre personagens que até ontem apareciam na ordem do dia, mas que, rapidamente, foram perdendo espaço pelos novos imigrantes: os nordestinos. Lidiane Maciel, com base em pesquisa de campo realizada em 2012, aborda o processo migratório “permanentemente temporário” de famílias do município de Jaicós, no Piauí, em direção ao município de Matão, no interior paulista, para a colheita da laranja. Cristina Toledo de Carvalho resgata o surgimento, no ano de 1950, em São Caetano do Sul, município do Grande ABC paulista, da Sociedade Beneficente Brasil Unido, entidade de caráter mutualista e filantrópico, de nordestinos para nordestinos.

Noutro viés, abordando temáticas que podemos definir como “mais candentes” no momento, situam-se os demais escritos. Dentre eles, pela exposição midiática atual, por ser tema da Campanha da Fraternidade de 2014, sobressai-se o artigo de Lúcia Isabel da Conceição Silva e Marcel Theodoor Hazeu. Os autores, fundados em pesquisa, analisam o tráfico de mulheres da Amazônia para o Suriname, contextualizando-o no processo de ocupação da Amazônia e das relações de gênero aí estabelecidas.

Lucas Valente da Costa nos transporta ao Velho Continente europeu. Lá, todos sabemos, é grande o número de organizações e, muito maior de

pessoas que acolhem migrantes e refugiados e defendem os seus direitos. Mas há, também, parcelas da população que rechaçam a sua presença, sobretudo em períodos de recessão econômica, tal como a iniciada em 2008. Resultados de eleições parlamentares recentes no âmbito da União Europeia demonstram como partidos de extrema-direita, com propostas xenofóbicas, vêm ganhando terreno. É este o foco do autor, que procura relacionar o hiato existente entre o apoio recebido por tais partidos com o impacto real dos migrantes na economia.

Leonir Mário Chiarello, num texto denso, discute os limites existentes na interação entre as relações internacionais e as migrações internacionais, entre os quais, a ausência de um marco regulatório. O problema, aponta, reside no paradigma existente – estatal e nacional – que por sua vez determina as perspectivas teóricas das migrações e das relações internacionais. Diante do caráter transnacional das migrações e do atual contexto globalizado, é necessário criar um novo paradigma, que alguns já definem como sendo o da governança global e ética das migrações.

Finalmente, na esteira dos temas “quentes”, recolocando em outro patamar a discussão encetada por Chiarello, Sidnei Marco Dornelas nos traz a resenha do livro *Barrados: um ensaio sobre os brasileiros inadmitidos na Europa e o conto da aldeia global*.

*Dirceu Cutti*